



Instituto de Estudos
Econômicos e Internacionais

ENSAIOS DO IEEI

Número 21

**CRISE POLÍTICA NA VENEZUELA: BREVE REFLEXÃO SOBRE OS
ACONTECIMENTOS DE FEVEREIRO DE 2014**

CAROLINA SILVA PEDROSO

São Paulo, fevereiro de 2014



**Instituto de Estudos
Econômicos e Internacionais**

O Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI-UNESP) é um centro multidisciplinar de análises e pesquisas sobre as questões econômicas e internacionais, congregando especialistas de diversas áreas para promover e enriquecer o debate dessas questões, produzir e divulgar trabalhos e promover parcerias com entidades públicas e privadas nas diversas atividades pertinentes ao seu objeto de atuação.

URL: <http://www.ieei-unesp.com.br>

ENSAIOS DO IEEI

Publicação que objetiva divulgar os resultados dos estudos realizados no Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais.

Conselho Editorial

Andrés Serbin (CRIES/Argentina)
Carlos E. Lins da Silva (IEEI-UNESP)
Carlos Oliva Campos (UH/Cuba)
Clodoaldo Bueno (IEEI-UNESP)
Feliciano Garcia Aguirre (UV/México)
Gary Prevost (Stjohns/EUA)
Harry Vanden (USF/EUA)
Lenina Pomeranz (USP e IEEI-UNESP)
Luis Fernando Ayerbe (IEEI-UNESP)
Marcos Cordeiro (IEEI-UNESP)
Marta Loza (UDG/México)
Sandra Colombo (UNICEN/Argentina)
Tullo Vigevani (IEEI-UNESP)

As opiniões divulgadas nesta publicação são de inteira responsabilidade de seu(s) autor(es).

É permitida a reprodução, desde que seja citada a fonte.

ISSN 2176-8773

ENSAIOS DO IEEI

Número 21

**CRISE POLÍTICA NA VENEZUELA: BREVE REFLEXÃO SOBRE OS
ACONTECIMENTOS DE FEVEREIRO DE 2014**

CAROLINA SILVA PEDROSO¹

¹ Pesquisadora do projeto “Extraterritorialidades, entrecruzamento de soberanias e conflitos na América Latina”, do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais da UNESP (IEEI-UNESP). É doutoranda do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP e PUC-SP) e bolsista da CAPES.

Desde a morte de Hugo Chávez em março de 2013, o seu escolhido para continuar a Revolução Bolivariana, Nicolás Maduro, tem atravessado momentos difíceis. O primeiro desafio imposto ao novo presidente venezuelano foi a sua própria vitória eleitoral, cuja pequena margem de vantagem sobre o candidato opositor, Henrique Capriles, levantou suspeitas de fraudes (a diferença foi de pouco mais de 1% dos votos). Embora todos os observadores internacionais tenham afirmado que as eleições de abril foram limpas e válidas, Capriles e seus aliados iniciaram uma campanha midiática e nas redes sociais questionando os resultados eleitorais, antes mesmo de sua divulgação oficial pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE). Dias depois, o candidato derrotado pediu uma rigorosa auditoria, apoiada inclusive pela União de Nações Sul-Americanas (UNASUL), com a finalidade de impugnar as eleições. Um mês depois, em maio de 2013, o CNE apresentou os resultados da auditoria reafirmando a vitória apertada de Maduro, apontando apenas 0,2% de erros em relação à primeira contagem².

Alguns meses depois, no entanto, outra crise iria abalar o governo venezuelano: o recorrente problema de desabastecimento tinha chegado a níveis alarmantes, gerando impacto direto na vida da população de todo o país. Maduro e sua equipe precisavam proceder com agilidade e precisão a fim de reestabelecer a normalidade ou, pelo menos, apresentar um plano de contingência satisfatório, já que faltavam itens de primeira necessidade que iam desde óleo de cozinha até papel higiênico. Essa situação gerou críticas de diversos setores, dentro e fora do país, que apontavam a manutenção da errônea estratégia econômica de Chávez como o principal motivo para a crise³. Além desse, outros problemas como altos índices de inflação, guerra cambial e baixas perspectivas de crescimento econômico também criaram um clima de descontentamento e demandavam uma ação firme por parte do Estado. Como resposta, foram anunciadas medidas radicais para combater a especulação, regulamentação de divisas, limitação do lucro das empresas, fortalecimento da logística e infraestrutura e incentivos para a poupança em moeda

² Conforme notícia disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/auditoria-venezuelana-confirma-resultado-das-eleicoes-8416606>>. Acesso em 29/05/2013.

³ Como demonstrado em artigo do Sem Diplomacia de 25/09/2013: <<http://unesp.br/semdiplomacia/artigos/2013/173>> (acesso em 25/09/2013).

local, o Bolívar⁴. Malgrado tenha conseguido mitigar alguns efeitos colaterais dos problemas econômicos já enunciados, o governo não admite que muitos deles possam estar relacionados com algumas escolhas políticas de Chávez e mesmo com sua incapacidade de lidar com questões estruturais do país, como a alta dependência do petróleo. Sua estratégia vem sendo de culpabilizar os grupos opositores, alegando que o país vive constantemente sob a mira de sabotagens conspiratórias da direita, que visa desestabilizar um governo popular e legítimo⁵.

Em fevereiro de 2014, quase um ano após a morte do líder bolivariano, a Venezuela ganhou as páginas dos noticiários internacionais. Movimentos estudantis, descontentes com a alta criminalidade no país⁶, saíram às ruas exigindo maior atenção do governo para a questão da segurança pública. O estopim foi uma manifestação ocorrida em 4 de fevereiro no Estado de Táchira, motivada pela tentativa de estupro de uma estudante na Universidad de los Andes, e rapidamente ganhou adeptos no país inteiro. Mesmo com o intuito de protestarem pacificamente, alguns deles começaram a agir com os rostos cobertos e atacaram prédios públicos com pedras e coquetéis molotov, sendo reprimidos e presos pelas polícias locais. A tensão aumentou no dia 12 de fevereiro, quando três pessoas morreram em confrontos entre estudantes e defensores do governo. Centenas de manifestantes foram presos naquela ocasião sob a alegação de distúrbio da ordem pública, aumentando ainda mais a revolta contra a maneira com que as autoridades têm lidado com a situação. Paralelamente aos estudantes, os opositores Leopoldo López (Partido Voluntad Popular) e Maria Corina Machado (deputada independente) conclamaram via redes sociais esses jovens a saírem pelas ruas, aproveitando as movimentações iniciais para demonstrar o descontentamento com todos os demais problemas do país.

⁴ Algumas destas medidas estão descritas em artigos do Sem Diplomacia do mês de outubro e novembro de 2013: <<http://unesp.br/semdiplomacia/artigos/2013/215>> (acesso em 30/10/2013) e <<http://unesp.br/semdiplomacia/artigos/2013/235>> (acesso em 25/11/2013).

⁵ Em 11/09/2013, foi publicado artigo no Sem Diplomacia sobre essa visão conspiratória do governo e de parte da esquerda latino-americana: <<http://unesp.br/semdiplomacia/artigos/2013/151>>. Acesso em 11/09/2014.

⁶ Estudo da ONG mexicana Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal mostra que Caracas é a segunda cidade mais violenta do mundo, perdendo apenas para San Pedro Sula, em Honduras. Disponível em: <<http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx/sala-de-prensa/941-por-tercer-ano-consecutivo-san-pedro-sula-es-la-ciudad-mas-violenta-del-mundo>>. Acesso em 09/02/2014.

Os pronunciamentos oficiais de Maduro e sua cúpula de governo parecem, uma vez mais, reforçar uma herança paranoica e maniqueísta deixada por Chávez. Não que não existam motivos para que se desconfie de uma articulação entre setores da oposição e os Estados Unidos (e até o ex-presidente colombiano Álvaro Uribe) no sentido de planejar mais um intento de golpe de Estado⁷ - justificativa utilizada para expulsão de diplomatas norte-americanos anunciada no dia 17 de fevereiro de 2014. É bastante razoável que essa possibilidade esteja realmente em marcha no país, tendo em vista o histórico golpista de parte da direita venezuelana. No entanto, as reivindicações dos movimentos estudantis também são legítimas e muitos desses manifestantes só queriam dar visibilidade para problemas que há anos assolam o país, sem que o Estado venezuelano tenha conseguido dar respostas efetivas. Isso não significa, portanto, que todos os que saíram às ruas tenham sido motivados pela vontade de desestabilizar e até derrubar Maduro da presidência, porém parece que o governo tem dificuldades em diferenciar o grupo que de fato pretende retirá-lo do poder daquele que está apontando os desafios ainda a serem superados. Como forma de demonstrar seu poder de mobilização, no fim de semana dos dias 15 e 16 de fevereiro de 2014, o governo reuniu milhares de apoiadores nas ruas do centro de Caracas em uma manifestação pela paz. Ao mesmo tempo, anunciou que iria cortar os serviços de transporte público em regiões que estão sob o poder da oposição, como clara retaliação à sua articulação contra o governo⁸.

A oposição, por sua vez, não está unificada em relação às movimentações recentes. López e Corina Machado, nomes que têm ganhado destaque nesses últimos dias, fazem parte de um grupo cuja estratégia de ação foi denominada de “La Salida”. Seu objetivo é fazer com que Maduro saia do poder ante a pressão popular, pois as próximas eleições presidenciais serão somente em 2019. A alternativa constitucionalmente permitida seria o referendo revogatório, pelo qual qualquer funcionário público eleito pode ser destituído de seu cargo após consulta popular. Segundo o artigo 72 da Constituição Bolivariana da Venezuela, qualquer magistratura pode ser revogada com um referendo a partir de duas condições: ter o apoio de 25% do eleitorado e que o mandato a ser colocado em prova já tenha

⁷ Em 2002, Chávez sofreu um golpe de Estado e as evidências de ingerência norte-americana estão reunidas no livro “El Córido Chávez” da jornalista Eva Golinger.

⁸ Como noticiado a seguir: <www.elmostrador.cl/kiosko/2014/02/17/maduro-corta-el-transporte-en-los-feudos-opositores-de-caracas/>. Acesso em 17/02/2014.

alcançado metade do tempo para o qual foi designado. Com o grande número de descontentes, a coleta do número mínimo de assinaturas para convocação de um referendo não constitui um grande desafio, até porque em 2004 a oposição já tinha conseguido esse feito contra Chávez, mesmo tendo perdido no resultado final. Dessa forma, o maior empecilho para que a oposição adote esse mecanismo de ação seria ter que esperar até 2016 para iniciar o processo de recolhimento de firmas, já que o mandato de Maduro começou no ano de 2013. Para eles, o país não pode aguardar até 2016 e muito menos até 2019 para que mudanças sejam feitas e, enquanto o chavismo estiver no poder, os grupos contrários correm risco de sofrer retaliações violentas, como estaria acontecendo nesse momento. Para tal, essa parte da oposição não mede esforços e não descarta a possibilidade de confrontos violentos com o governo até que Maduro renuncie. Os grandes meios de comunicação, que desde a ascensão de Chávez têm travado uma guerra midiática com o oficialismo, voltam a insistir nos temas de falta de liberdade de imprensa e expressão no país, acusando o governo de antidemocrático e fascista. Ademais, muitos venezuelanos fazem circular na internet imagens de pessoas que supostamente teriam sido torturadas e desfiguradas pelas forças do governo para lograr apoio mundial para sua causa, porém muitas delas têm se mostrado falsas ou referentes a conflitos em outros países⁹.

Outra parte da oposição, contudo, tem buscado maior parcimônia em suas declarações. Embora não poupe o governo de críticas, Capriles segue sendo defensor da via eleitoral como meio para chegar ao poder, ainda que isso signifique ter que esperar até 2019 para concorrer ao próximo pleito presidencial. Mesmo assim, ele anunciou que também convocará uma manifestação pacífica para os próximos dias, o que demonstra sua posição enfática contra as formas de violência empregadas tanto pela oposição como pelo governo nesse momento de grande tensão. Em pronunciamento feito através da internet, Capriles denuncia a censura sofrida em redes sociais como o Twitter, em que postagens contra o governo teriam sido excluídas, mas também condena a presença de infiltrados nas manifestações da oposição, que estariam dedicados somente a gerar tumultos e acirrar ainda mais os

⁹ Como foi demonstrado em matéria do portal “Opera Mundi”: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/33992/protestos+na+venezuela+web+e+usada+para+difundir+imagens+falsas+ou+descontextualizadas+.shtml>> (acesso em 17/02/2014) e, posteriormente, no site Rebelión em: <<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=180977>> (acesso em 18/02/2014).

ânimos. Apesar da relativa abertura e de apresentar-se como um líder moderado da Mesa de Unidad Democrática (MUD), Capriles e seu partido se recusaram a participar como interlocutores da Conferência pela Vida e pela Paz convocada pelo governo no último dia 24 de fevereiro, com o objetivo de lograr um grande pacto nacional pela paz, contando com a participação dos mais diversos setores sociais.

A atual conjuntura venezuelana possui muitas semelhanças com os protestos que ganharam as ruas do Brasil desde junho de 2013, especialmente no que se refere à ação de grupos mais violentos e exaltados, que têm sido acusados de “terroristas”. Guardadas as devidas proporções e as peculiaridades de cada país, os governos de esquerda em ambos os casos têm tido dificuldades para assimilar as pautas advindas das ruas, muitas vezes optando por criminalizar os movimentos. A oposição, por sua vez, aproveitando-se da revolta espontânea da população, procura meios de desestabilizar o governo, fomentando uma verdadeira guerra midiática de troca de acusações. Os governos de Brasil e Venezuela, após anos no poder, conseguiram melhorar consideravelmente o nível de vida e consumo de suas respectivas populações, sobretudo por conta de suas políticas sociais. Todavia, muitos problemas não foram resolvidos e a incapacidade de ambos em oferecer saídas satisfatórias alimenta as manifestações dos jovens, que decidiram sair às ruas para protestar. O ponto de reivindicação mais emblemático tem a ver com a segurança pública, pois no cerne dos dois governos estava a crença de que com a melhoria das condições sociais, a violência iria diminuir. Entretanto, ocorreu um movimento contrário: a despeito do aumento das oportunidades para as camadas menos abastadas e da diminuição das disparidades sociais, o fenômeno da violência – sobretudo urbana – continua a assombrar toda a população. O grande desafio para Brasil e Venezuela é conseguir tirar das ruas o substrato da mudança desejada por seus cidadãos e, ao mesmo tempo, combater intentos ou manobras para deslegitimar governos democraticamente eleitos. Trata-se, pois, de um grande desafio para a consolidação da democracia nesses países.

No caso venezuelano, em especial, a nova onda de protestos parece refletir as debilidades surgidas ou acentuadas durante o chavismo e que estavam latentes enquanto o líder bolivariano ainda vivia, cuja capacidade de articulação política e o forte carisma serviram de mecanismos de apaziguamento em situações de crise. Maduro, por sua vez, teve dificuldades até de consolidar sua liderança dentro do

próprio chavismo¹⁰ e, após seu triunfo eleitoral, as dificuldades econômicas e políticas têm se agravado. A manutenção da estratégia de confrontação, que marcou a Era Chávez, parece encontrar lugar também com Maduro, no entanto falta a ele a capacidade de liderança que sobrava a seu antecessor. Além de procurar evidências de um suposto plano de desestabilização do país – o que é desejável para qualquer democracia, ainda mais considerando o histórico golpista da Venezuela –, o governo precisa empenhar-se sobremaneira na busca por soluções consensuadas com a oposição e outros setores sociais, a fim de que os conflitos dos últimos dias não gerem uma situação de calamidade pública.

Nesse contexto, a despeito de todas as dificuldades, existe um trunfo que pode ser utilizado pelo chavismo em seu favor: o fato de haver duas correntes opositoras. Se Capriles, apesar de algumas resistências, ainda demonstra estar mais aberto ao diálogo e tem condenado fortemente as ações fomentadas por López e Corina Machado, talvez haja uma brecha para negociar uma saída pacífica para a atual crise, ainda que não seja no âmbito de uma negociação oficial organizada pelo governo. Se o oficialismo, por sua vez, estará disposto a abandonar ou abrandar o discurso de que está sendo perseguido politicamente para tomar atitudes afirmativas e assertivas ou se a parte mais moderada da oposição aceitará dialogar com o governo, ainda não está claro. Os altos níveis de confrontação da Era Chávez e a guerra midiática são, nesse sentido, uma herança incômoda e podem prejudicar os dois lados na luta para convencer seus cidadãos de qual é o “mais correto”, o que nos sugere que a política da Venezuela tem sido guiada por uma lógica de soma zero. No final das contas quem sai perdendo com essa situação é o próprio país, pois a instabilidade política compromete os investimentos internacionais – que mesmo para um governo de esquerda são necessários para financiar as políticas sociais – e aprofunda a crise econômica já em curso. O cenário futuro não parece muito promissor, mas como o que está em jogo é o componente humano, que envolve paixões, ideologia e interesses, fica difícil prever os próximos acontecimentos sem incorrer no risco de profecias não realizadas. Fica, pois, a expectativa de que seja construída uma saída dialogada e pacífica, capaz de atender às demandas da

¹⁰ Lembrando que pouco antes da morte de Chávez, Diosdado Cabello também surgia como um nome em potencial para levar adiante a revolução bolivariana.

população sem que haja nenhum tipo de golpe branco ou manobra desleal contra o governo.